



Repórter Brasília

Edgar Lisboa

edgarlisboa@jornaldocomercio.com.br

Os desafios políticos para 2026

O senador gaúcho Hamilton Mourão (Republicanos), ex-vice-presidente da República, avalia que o encerramento de 2025 já projeta um cenário político desafiador para o Brasil e para o Rio Grande do Sul, com a corrida eleitoral ocupando o centro do debate nacional.

Corrida eleitoral

“O ano de 2025 caminha para o seu encerramento, e o ano vindouro mostra-se cheio de desafios para o Brasil e para o Rio Grande do Sul. Assim, a corrida eleitoral certamente será um dos principais temas da pauta política”, diz o senador. Para Mourão, “o maior desafio da direita está na capacidade de articulação e unidade para a definição de um projeto nacional competitivo em 2026”.

Desafio para a direita

“É certo que, para a direita, o maior desafio gira em torno da capacidade de articulação e união para a definição de um nome para a majoritária nacional; bem como de nomes de envergadura para o Congresso, para as assembleias e os governos”, avalia o senador gaúcho.

Projeto de Estado

Mourão destaca que “esse processo é essencial para a defesa de valores e para a construção de um projeto de Estado brasileiro que busque o progresso e a paz social, afastando o campo progressista”.

Retenção de recursos

Mourão critica duramente a retenção de recursos destinados ao Rio Grande do Sul, apontando responsabilidade do governo federal. “A retenção de recursos destinados pela bancada gaúcha ao Estado, orquestrada pelo governo federal, é uma realidade cruel imposta ao nosso povo e contra a qual seguiremos batalhando”. Segundo ele, “a estratégia tem viés eleitoral. A artimanha da retenção de recursos tem como objetivo o uso dessa verba para trabalhar a máquina eleitoral em favor da esquerda”.

Cenário crítico

No Congresso, Mourão afirma “que a oposição gaúcha atua pela liberação dos valores, mas os números revelam um cenário crítico: apenas 12% dos R\$ 528,8 milhões indicados foram efetivamente pagos, com vergonhosos R\$ 431 milhões ainda represados”.

Tragédias climáticas

Mourão ressalta que esses recursos poderiam socorrer produtores rurais, empresas e áreas essenciais como saúde, segurança, transporte e educação. O senador lembra ainda que o Estado sofre os efeitos das tragédias climáticas recentes. “Nosso querido Rio Grande precisa que seus representantes no Parlamento sigam batalhando para viabilizar efetivamente a securitização das dívidas, em particular dos nossos produtores rurais”.

Uso indevido da tecnologia

Sobre o processo eleitoral, Mourão alerta para os riscos do uso indevido da tecnologia. “Enxergo campanhas políticas disputadíssimas, mas profundamente marcadas pelo perigoso avanço da inteligência artificial”. No plano nacional, ele defende a união da oposição para impedir a reeleição do atual presidente.



Gaúcho atuou com

Entrevista Especial

Patrícia Comunello

patriciacomunello@jornaldocomercio.com.br

O Rio Grande do Sul tem um espectador privilegiado da política nos Estados Unidos (EUA). Fernando Brigidi, porto-alegrense graduado em Administração Pública, foi o primeiro brasileiro a atuar em um gabinete da Casa Branca, trabalhando diretamente com a ex-vice-presidente Kamala Harris e depois na campanha da democrata na disputa com o atual presidente republicano, Donald Trump. “Ela revelou um senso de servir ao público e uma resiliência muito forte”, demarca ele, que hoje é estrategista sênior da American Civil Liberties Union (ACLU), que atua na defesa de direitos civis.

Brigidi, em entrevista ao JC em Nova York, analisa o ambiente político estadunidense, conta como foi atuar com Kamala e aborda a expectativa sobre a gestão do democrata muçulmano Zohran Mamdani, que assume a Big Apple em 1º de janeiro. “Ele criou uma forma de engajar o eleitorado que transformou a plataforma política em algo que todo mundo conseguia entender”, destaca o gaúcho. Antes de migrar para os EUA em 2017, o gaúcho atuou por 10 anos em gestões públicas na Capital e no Estado.

Jornal do Comércio - Como tu conseguiste chegar à Casa Branca?

Fernando Brigidi - Todo mundo que trabalha com política sonha com a Casa Branca. Não achava impossível. Depois do mestrado na Universidade de Nova York e de atuar na área privada, decidi tentar trabalhar nas primárias para a disputa presidencial em 2019/2020 do democrata Pete Buttigieg, ex-prefeito em Indiana, veterano de guerra e gay. Me candidatei a várias funções, porque é um processo aberto. Conseguí vaga de panfleteiro. Sabia que estava dando 10 passos para trás, mas, depois de entrar, minha meta era crescer rápido e consegui. O Pete surpreendeu e ganhou em Iowa, mas retirou a candidatura em prol de Joe Biden e Bernie Sanders. Em 2020, atuei na campanha de Biden,

já candidato.

JC - Qual é o aprendizado de atuar na campanha presidencial nos EUA, com modelo bem diferente do Brasil?

Brigidi - São praticamente dois anos de campanha, entre primárias e disputa final. É um processo aberto em que os eleitores escolhem o candidato, não é a cúpula do partido que decide. Um processo mais longo que gera muita discussão política dentro do partido, desde temas de saúde e educação a questões civis, envolvendo todos os estados. Filados do partido votam no candidato que vai disputar a sucessão. É muito comum aqui as pessoas também se voluntariarem na campanha, sem serem pagas. Na campanha de Biden, cheguei a diretor regional.

JC - Como um gaúcho conseguiu chegar ao gabinete de Kamala Harris?

Brigidi - Além das primárias do Partido Democrata, atuei em cargos em Nova York. Como precisava ter a cidadania americana para entrar no governo federal, depois que consegui, apliquei junto à área de recursos humanos da Casa Branca. Fui convidado em janeiro de 2022 e entrei no Ministério da Agricultura, assessorando a primeira mulher, e negra, a ser ministra adjunta. Uma pasta com 100 mil funcionários. Em dezembro do mesmo ano, fui a um ato na Casa Branca para assinatura de Biden da regulamentação do casamento gay. Foi quando tive a primeira interação, por 30 segundos, com a Kamala. Foi um encontro muito magnético. Ela é uma pessoa com uma energia contagiante. Na hora, decidi que tinha de trabalhar com ela. Comecei a fazer contatos e

me diziam que seria impossível. Falei em uma entrevista para a vaga que a vice-presidente tinha me inspirado muito. Três meses depois, em março de 2023, comecei a trabalhar no gabinete da vice-presidente. A resposta de como consegui teve muito a ver com a minha trajetória, formação e desenvoltura. Mas acho que minha determinação pesou.

JC - Como foi atuar ao lado da vice-presidente?

Brigidi - Lembro de subir uma escadaria no meu primeiro dia na Casa Branca. Eu estava um pouco em choque de estar entrando naquele lugar, mas muito orgulhoso. Pensei em todo mundo que tinha me ajudado a chegar naquele momento e na responsabilidade de representar os latinos e até mesmo os brasileiros. Fui o primeiro brasileiro na história a ocupar um cargo de direção na sede do governo dos EUA. A gente trabalhava 24 horas, sete dias na semana. O senso de responsabilidade é gigantesco. A sala onde fiz meu treinamento foi onde o ex-presidente Franklin Delano Roosevelt (32º a ocupar o cargo, de 1933 a 1945, desde a Grande Depressão à Segunda Guerra) tomou decisões históricas. No segundo dia, já assumi um projeto com a vice-presidente. Tinha muito orgulho do meu trabalho. Apesar da pressão e de tudo que abri mão durante aqueles anos, sempre dizia aos meus colegas: “Vamos sentir falta disso tudo depois”.

JC - Tem algo que marcou nesse dia a dia atuando com a Kamala?

Brigidi - Duas coisas que ela (Kamala) lembrava a gente todo o tempo. Primeiro, “isso aqui é um sacrifício”. Trabalhar



“Fui o primeiro brasileiro em um cargo de direção na sede do governo dos EUA”